

Aspectos filosóficos da reabilitação

Philosophical aspects of Rehabilitation

Aspectos filosóficos de la rehabilitación

Gláucia Rita Tittanegro*

RESUMO: A Reabilitação é uma nova possibilidade da ciência para devolver o indivíduo ao seio da comunidade ou ao *nós*. Ao termo reabilitação estão ligados inclusão/exclusão, normal/anormal, produtivo/não-produtivo. A produtividade implicaria numa força e o seu resultado seria a Obra. Isto é o que se pode perceber a partir da filosofia Marxista. Obra, aqui, seria sinónimo de ação e os que estivessem distanciados da força de produção por qualquer anomalia, estariam, por conseguinte, excluídos da comunidade, alienados, por que não dizer, de sua condição humana. Propomos neste estudo repensar a Obra como uma passividade que é o oferecimento de Si, significado mais originário do termo Liturgia. A Reabilitação é, dentro desta proposta, um Testemunho de Si: responder de si e por si no Tribunal da Vida significa responder ao Outro pelo Outro, devolver a habilidade ao que é diferente de *nós*, respeitando sua diferença. O respeito e a responsabilidade dependem do reconhecimento da *diferença*.

DESCRITORES: Reabilitação-filosofia, Inclusão social, Ética

ABSTRACT: Rehabilitation is a new possibility science has to reintegrate individuals in the community. To the expression "rehabilitation" are linked opposites like inclusion/exclusion, normal/abnormal, productive/not-productive. Productivity would imply power and its result would be the product. That is what we can perceive from the Marxist philosophy. Product here he would be synonymous to action and people distanced from the production forces because of any anomaly would therefore be, excluded from the community, alienated, why not say, from their condition of human beings. We aim in this study to rethink Product as a passivity that means giving our own Self, a meaning more near the origin of the expression "Liturgy". Rehabilitation is, according to this proposal, a Witnessing of Oneself: to answer for oneself and by oneself in Life's Court means to answer to the Other for the Other, give back ability to the one who is different from us, respecting their difference. Respect and responsibility depend on the recognition of differences.

KEYWORDS: Rehabilitation-philosophy, Social Inclusion, Ethics

RESUMEN: La rehabilitación es una nueva posibilidad de ciencia para devolver el individuo al seno de la comunidad o al "nosotros". Al término rehabilitación están ligados inclusión/exclusión, persona normal/anormal, productivo/no-productivo. La productividad implicaría en una fuerza y su resultado sería la ejecución. Eso es lo que se puede percibir en la filosofía marxista. Ejecución, aquí, sería sinónimo de la acción y los que se han distanciado de la fuerza de la producción por cualquier anomalía, serían, por lo tanto, excluidos de la comunidad, mentalmente enfermos, alienados, porqué no decir, de su condición humana. Consideramos en este estudio un repensar la ejecución como pasividad o sea el ofrecimiento de sí mismo, el significado mas original del término liturgia. La rehabilitación es, dentro de este enfoque, un Testimonio de sí mismo: respuesta de sí mismo y para sí mismo en la Corte de la vida, significa contestar al Otro por el otro, devolver la capacidad a lo que es diferente de nosotros, respetar su diferencia. El respeto y la responsabilidad dependen del reconocimiento de la diferencia.

PALABRAS LLAVE: Rehabilitación-filosofia, Inclusión social, Ética

Introdução

No início do século xx, precisamente durante a Primeira Grande Guerra, surgem as Ciências da Reabilitação como possibilidade da ciência para devolver o indivíduo ao seio da comunidade. O foco de tais ciências se volta não só para o restabelecimento físico, mas para a reintegração do indivíduo como

um todo. Tal reintegração subentende o afastamento desse mesmo indivíduo da comunidade pelos mais variados motivos, a saber, disfunções ou anormalidades nas diferentes modalidades da existência psíquica (barreiras de comportamento, obstáculos sociais e culturais), física (incapacidade motora, anormalidades), social (impossibilidade de integração), cultural etc.

A reabilitação é, assim, estreitamente ligada à noção de normalidade e ao seu contrário, a anormalidade. Fazem parte desse mesmo contexto as idéias de função e disfunção, as quais deveriam nortear o estudo e a concepção das Ciências da Reabilitação. Da mesma forma, a noção de inclusão social poderia aparecer como o eixo central de todo um trabalho de reabilitação.

* Filósofa. Doutora em Filosofia pela Universidade Gregoriana, Roma. Coordenadora do Curso de Filosofia do Centro Universitário São Camilo. Docente da disciplina Seminário e Tópicos especiais de História da Filosofia Antiga do Centro Universitário São Camilo. filosofia@scamilio.edu.br

Entretanto, a formação dos profissionais da reabilitação, tanto nos cursos de graduação, como naqueles de pós-graduação, parece fugir desse foco. A idéia de reabilitação voltada completamente à recuperação de um membro, ou de uma determinada função física, parece continuar a forma “cartesiana” de abordagem do humano pelas ciências. Assim, a reabilitação pode ser entendida como o conserto da parte que necessita de reparação.

Nossa proposta neste artigo é de outra natureza. Entendemos que a reabilitação é um processo de ressocialização, e por isso procuramos prescindir das concepções apresentadas acima e repensar a reabilitação a partir da noção de Obra ou Liturgia. Com este propósito, introduzimos o discurso com uma abordagem etimológica da palavra, para então passar ao breve percurso filosófico que deve nos orientar na compreensão dos fundamentos da concepção da reabilitação como devolução à “força de produção”. Esta expressão deve-se, como se verá, à filosofia de Karl Marx e Friedrich Engels, que entendiam o homem como um indivíduo que busca a satisfação de suas necessidades. Para Marx e Engels os seres humanos são seres capazes de produzir as condições de sua existência material e intelectual. Isto significa dizer que os seres humanos são produtores: são os que produzem e são como produzem. Os seres se reproduzem. Assim, a produção e a reprodução das condições da existência se realizam através do trabalho, da divisão social do trabalho, da procriação e do modo de apropriação da natureza.

Da produção de ser passamos à questão da Obra na reflexão de Éric Weil, itinerário obrigatório para a compreensão da revolta contra o discurso absolutamente coerente, ou filosofia. Para Weil, a Obra é o recusar-se ao discurso ou à linguagem coerente e, por isso, é violência. Na Obra “os homens só são meios

(aqueles que se recusam só são obstáculos, e isso não muda em nada)”. A linguagem da Obra não tem sentido em si mesma, mas só é útil na própria Obra. Poder-se-ia dizer que na Obra os homens não falam *com* os outros, mas fazem um discurso sobre, ou seja, falam *para* os outros. O “homem da Obra” de Weil se serve das categorias do discurso que mais lhe apetece para impor algo próprio. O discurso da obra é um meio para o criador se tornar imperativo.

Esta visão peculiar e negativa da Obra é criticada por um outro filósofo da atualidade: Emmanuel Lévinas. É nele que encontramos a inspiração necessária para repropor a noção de reabilitação como uma Obra que, diferente daquela apresentada por Éric Weil, surge como a *oferta de si mesmo*, ou o *auxílio*, que é, ao mesmo tempo, acolhida da *diferença*. A reabilitação surge, em tal contexto, como a busca de sentido no encontro com outrem.

Etimologia

O termo reabilitação vem de devolver a habilidade, tornar hábil. A palavra latina *habilis* significa aquilo que se pode carregar, o manejável, o flexível e, portanto, o apto, o capaz, o conveniente. *Habilitatis* é então a habilidade ou a faculdade de fazer algo comodamente, facilmente.

No dicionário, o termo reabilitação é sinônimo de recapacitação, e significa ação ou efeito de reabilitar (-se) [física, intelectual, moral, social, profissional, psicológica e materialmente]. Mas é também a recuperação da estima (própria ou de outrem) por meio de regeneração, ou o recobro do reconhecimento público por meio da qualidade ou do sucesso. Em termos jurídicos, a reabilitação é a extinção de punibilidade que consiste no cancelamento da pena de interdição de direitos, assim como o retorno de uma pessoa à condição de que desfrutava anteriormente, a recuperação do

crédito (por parte de quem logra satisfazer seus débitos). Enfim, em termos médicos, a reabilitação é a recuperação da forma ou função normais, após doença ou lesão, ou a devolução do paciente, após lesão ou enfermidade, a suas atividades físicas e/ou mentais anteriores.

A habilidade nos remete ao hábito. Em latim, *habitus* significa tanto aquele que é robusto, ou seja, o aspecto exterior, a postura, a posição, como o modo de ser. Assim, o *habitus* é a maneira, a condição, o estado, a qualidade individual ou a disposição.

Reabilitar seria, então, devolver ao habitual? E o que seria este habitual? Habitual é aquilo que se transformou em hábito, é o usual, o costumeiro, o rotineiro, o *comum*. O habitual é do âmbito do *nós* e não do eu. Reabilitar alguém significaria, assim, reintroduzir ao *nós*, devolvê-lo ao seio da comunidade, reincorporá-lo, retomá-lo, incluí-lo. A reabilitação seria definida, a partir disso, como ciência da reintegração ou da inclusão social.

A filosofia

A Filosofia, em seus vinte e cinco séculos de existência, representa o anseio humano de se debruçar sobre o real e se questionar sobre o por quê? Por que existe alguma coisa e não o nada? O que é a existência? Qual a sua finalidade? Qual é o significado da vida? Como ela se dá?

Na história da filosofia, cada filósofo procurou definir a filosofia a seu modo. Platão (428 ou 427 a.C. a 348 ou 347 a.C.), o fundador da Academia, dizia que a filosofia é um saber verdadeiro que deve ser utilizado para o bem de todos os seres humanos.

Na idade moderna, o grande filósofo e matemático René Descartes (1596-1650) entendia a filosofia como o estudo da sabedoria, ou seja, como aquele conhecimento perfeito de todas as coisas que os seres humanos podem alcançar para o

uso da vida, para a conservação de sua saúde e para a invenção das técnicas e das artes. Inspirando-se na matemática, propôs um método de reflexão que buscava inicialmente separar as partes para que se pudesse evoluir no conhecimento do todo. Esta ousadia da separação custou-lhe, no decorrer da história, a identificação com o saber fragmentado, a ponto de se entender como *cartesiano* a todo tipo de conhecimento que separa o ser humano em pequenas partes que serão analisadas pelos especialistas. Daí, então, a concepção das especialidades ou especializações. O saber da ciência atual, se diz comumente, é um saber cartesiano porque perdeu o foco da totalidade do humano, considerando-o como uma peça da engrenagem. Mas Descartes jamais perdeu o foco no sujeito, e a separação proposta pelo método cartesiano é aquela que facilita a análise do todo sem, portanto, perder esta dimensão.

Emmanuel Kant (1724-1804), um dos filósofos mais importantes da Alemanha, mostrava a filosofia como o conhecimento que a razão humana adquire de si mesma para saber o que pode conhecer e o que deve fazer, com a finalidade de se atingir a felicidade mais completa.

Mas uma das maiores revoluções do pensamento ocidental acontece com outro filósofo alemão: Karl Marx (1818-1883). Para ele a filosofia dedicou demasiado tempo à contemplação do mundo. A proposta de Marx é agora de conhecer o mundo para transformá-lo, transformação esta que traria justiça, abundância e felicidade para todos.

A crítica de Marx é dirigida, sobretudo, a Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831). Para o pai do idealismo alemão a filosofia é o pensamento do Absoluto. Em uma de suas maiores obras — *A fenomenologia do espírito* — Hegel mostra que o objeto do saber não é outra coisa senão a substância espiritual, pois é o espírito que conhece a si pró-

prio no universo e é o próprio espírito que se apresenta à consciência como seu objeto. Percebe-se daí a evolução do espírito humano como obra de compreensão de sua realidade, uma compreensão que surge do questionamento da própria realidade. A obra é já a atividade de compreender, ou seja, resultado do trabalho da compreensão.

Mas o que é o trabalho propriamente dito? Para Hegel, o trabalho “pertence à atividade prática da vontade”. A dialética do trabalho “serve para dar conta da lógica da evolução social a partir do desenvolvimento das forças de produção ligadas ao progresso das técnicas e à acumulação de um saber científico tecnicamente explorável”. Esta dialética é apresentada pelo filósofo numa seção da *Fenomenologia* que os editores chamaram de “o espírito em seu conceito”, quer dizer, segundo o eixo da inteligência e da vontade. O trabalho é um dos momentos do aprimoramento do espírito ou o “espírito efetivo”. O espírito efetivo é a realização efetiva do universo na “inteligência que quer” e na “vontade que sabe”. O primeiro nível do espírito efetivo é a tendência à satisfação e o trabalho produtor de utensílios e máquinas. Este primeiro nível está sob a figura do desejo espiritual pela mediação do reconhecimento e do trabalho social. O segundo nível do espírito efetivo é a própria linguagem na forma do contrato, ou seja, a própria atividade comunicativa ou o reconhecimento dos sujeitos falantes, segundo um filósofo da atualidade — Jürgen Habermas (1929). É preciso, segundo ele, que haja “significações que, extraídas de tradições comuns, gozem de uma constância e de uma validade intersubjetivas, para que orientações verso a reciprocidade, relações de cooperação e de empreendimento, possam se desenvolver”.

Se entendermos o trabalho como a interação dos sujeitos entre si próprios e com a natureza, esta inte-

ração implicará, então, a mediação da linguagem. Mesmo nas situações solitárias do manuseio de um objeto, como, por exemplo, do teclado de meu computador, do pincel pelo artista, do martelo ou da pá pelo operário, o uso de tais utensílios se insere no universo intrincado das relações simbólicas. Assim, o trabalho é um processo de socialização e os “processos técnicos são sempre inseridos em redes de interações”.

Esta idéia do manuseio de utensílios como possibilidade de referências é encontrada em *Ser e tempo*, obra fundamental do filósofo alemão Martin Heidegger (1889-1976).

Em primeiro lugar Heidegger diz o seguinte: “Chamamos de significância o todo das remissões dessa ação de significar. A significância é o que constitui a estrutura do mundo em que a presença já é sempre como é”. E o que está no mundo é o que está à mão ou o *manual*. O que está à mão *serve* para alguma coisa e a serventia é sua referência. Assim, o martelo serve para o prego, que serve para a parede, que serve para o quadro, que serve para embelezar a casa e dar um colorido à vida. “O ser do manual tem a estrutura da *referência*. Isso significa: ele possui, em si mesmo, o caráter de *estar referido a*. O ente se descobre na medida em que está referido a uma coisa como o ente que ele mesmo é. O ente tem *com* o ser que ele é algo *junto*. O caráter ontológico do manual é a *conjuntura*”.

A filosofia de Martin Heidegger nos mostra a existência humana como ser-no-mundo, ou seja, ser que possui uma casa, uma morada, um lugar que o abriga, entendendo que este abrigo não é algo do qual se possa prescindir, mas que faz parte da essência humana.

Nas relações sociais das instituições, este ser forma uma comunidade de seres, isto é, o lugar comum em que cada um tem o seu papel a desempenhar. Contudo, no próprio Heidegger a noção de *ser é* sinônimo

de produção, já que *ser* significa *produzir-se sendo* e, portanto, a noção de criação está muito presente neste discurso.

Assim, já que tanto as redes de interação de Habermas quanto a conjuntura de Heidegger apontam para o caráter social do trabalho, poder-se-ia dizer que a obra é fruto do trabalho?

O pensador que nos trouxe a questão da Obra é Éric Weil, um dos filósofos hegelianos mais importantes do século passado.

Éric Weil: Discurso da ação, discurso do sentido.

Éric Weil (1904-1977) nasceu na Alemanha em uma família de origem judaica e alemã. Imigrou para a França em 1932 e tornou-se cidadão francês em 1938.

Sua principal obra é a *Logique de la philosophie*, na qual o autor vai em busca do discurso absolutamente coerente, isto é, aquele discurso que pode dizer a realidade como um todo conceitualmente. O filósofo quer entender o sentido da realidade e para isto ele deve se confrontar consigo mesmo e com seu agir.

Para Weil a filosofia é, por conseguinte, “ação, *práxis*, pois a compreensão do outro e de si mesmo não é separada da transformação de seu outro e de si; ela é realização de um mundo e de uma comunidade de razoáveis. Mas ela é e permanece compreensão, e mesmo compreensão da compreensão”. Em outras palavras, a filosofia é reflexão sobre seu próprio estatuto, sobre o sentido e as condições de possibilidade de sua realização como obra de razão.

Ao considerar a filosofia como Ação, o filósofo abre espaço para a política. Por isso, “a história humana não é senão a história do trabalho humano no seu desenvolvimento da parcialidade à universalidade, e a Ação enquanto categoria do político não é senão a tentativa de continuar conscien-

temente aquilo que os homens empreenderam desde sempre sem o compreender, ou seja, a tarefa de suprimir a condição levando-a ao seu acabamento”.

Qual seria então a atitude da Ação? Em seu comentário, Perine (2004) afirma que “a atitude da Ação quer o contentamento do homem real, a realização de um mundo no qual a revolta não só não seja razoável, mas até mesmo impossível; um mundo no qual a dose de violência que entra necessariamente nas relações humanas seja progressivamente eliminada. A Ação quer encontrar um sentido para a realidade, um sentido que não seja só alcançado no discurso e pelo discurso, mas realizado na condição e pela condição, pois é a condição que se trata de dominar de maneira sensata. Não basta que o homem domine a sua condição e tome-se escravo dela. É preciso que a realidade esteja a seu serviço, a serviço não só de si, mas de todo o si”, e, citando Weil, o autor completa: “de todos os homens que não se sentem senhores do mundo”.

Portanto, as palavras Trabalho e Ação parecem formar um todo na Obra, quase como se esta fosse fruto do primeiro. Mas a Obra não pode ser considerada, segundo Éric Weil, como “um objeto a ser fabricado pelo trabalho”. Pois “a criação da Obra exige um mundo organizado em vista da Obra”, e esta seria um verdadeiro projeto para o homem, como se ele realmente pudesse atingir esta meta. Mas se o homem sabe que isso não é a realidade, assim como sabe que uma obra jamais é acabada, “a obra não tem sentido no mundo; ela doa somente um sentido ao mundo”.

Na *Lógica da filosofia*, Weil apresenta a Obra como uma categoria do discurso que exprime a revolta contra o discurso absolutamente coerente. A Obra é violência justamente por estar fora do discurso. Ela “é a atitude muda do homem que faz algo simplesmente por

fazer”. Então, a Obra não tem sentido, é sem sentido, sem razão, *desrazão* ou *arazoável* e, por conseguinte, fora da coerência ou fora da linguagem.

O percurso filosófico efetuado até aqui nos possibilita colocar a questão: Reabilitar seria devolver o indivíduo ao trabalho ou à obra?

A busca de sentido e a reabilitação

A busca de sentido, própria do caminho filosófico, não pode deixar de confrontar-se com a crítica severa e a proposta de inversão de caminho realizada por Emmanuel Lévinas.

Nascido na Lituânia, mas naturalizado francês no período imediatamente sucessivo à Segunda Grande Guerra, Lévinas é comumente conhecido como filósofo da Alteridade ou da Filosofia do Outro.

É a partir dessa filosofia que gostaríamos de repropor a questão da reabilitação. Para isto devemos retomar a noção de filosofia.

Concebida como o anseio mais profundo do humano, ou seja, o desejo de sabedoria, a filosofia é um movimento para o alto ou trans-ascendência — Transcendência. Este o grande paradoxo do termo grego filosofia: para se atingir a profundidade, ou a humanidade do humano, é preciso lançar-se para o alto, num movimento que não busca as estrelas, mas o bem, ou o sol que ilumina todas as coisas. A iluminação não é o conhecimento, mas a sabedoria, uma forma de entendimento que não se baseia na compreensão das coisas, visto que a compreensão está ligada ao gesto da mão que atravessa o espaço para agarrar o objeto.

O desejo de sabedoria é de outra ordem. É o bem ou a positividade que permite que as coisas sejam. O bem parece estar ligado à produção de ser, enquanto auxílio ou socorro. As coisas não se fazem sozinhas, por conta própria, mas

dependem de um gesto de criação, de autoria ou de autoridade.

O próprio ser humano é criatura, ou seja, “um ser capaz de receber uma revelação”. Ser criatura denota uma extrema passividade e vulnerabilidade. Ser criatura é ser separado ou no exílio. Por conseguinte, Criação é um outro modo de dizer a “de-portação do humano”. Mas o que significa isso?

Dissemos anteriormente que a reabilitação comumente entendida é a reintegração do *eu* na comunidade do *nós*. Porém, isso estaria a indicar o desfalecimento da singularidade em prol do comum ou do lugar-comum, ou seja, a absorção do um no todo. A possibilidade de se formar comunidade depende do acordo das palavras, e é por isso que a comunidade do *nós* é institucional e se baseia na racionalidade pura da justiça. Entretanto, a *justiça* está além do lugar comum e depende, conseqüentemente, da separação. A comunidade do *nós* favorece a *deportação*, a *extradição*, a *desolação* e aponta para a condição humana mais originária: ser separado, ser único. A singularidade do indivíduo está ligada ao testemunho de si: responder de si e por si no tribunal da vida significa responder ao outro pelo outro.

Se de um lado a *comunidade do nós* favorece a exclusão dos que não são *como nós*, por outro lado ela exalta a *diferença*. Reabilitar seria então devolver a habilidade ao que é diferente do *nós*, respeitando sua diferença. O respeito e a responsabilidade dependem do reconhecimento da *diferença*.

A condição humana é condição de criatura ou condição de estrangeiro: em condição da não-condição. Em outras palavras, significa viver numa terra que não é sua ou ser desenraizado, viver sem lugar próprio, viver em *qualquer* lugar: “a separação se produz positivamente na localização”. Tudo isto quer indicar uma existência sem raízes no ser, e a falta de chão da

criatura descreve o trauma original da separação.

O estrangeiro, o diferente, aquele que necessita ser reabilitado é, na linguagem de Lévinas, outrem, e outrem é outrem, isto é, significa já em si, significado que abre as portas do mundo. Outrem entra no mundo, quer dizer entra em relação com o mundo na face, pois a face fala. A face é exposição de uma nudez, de um despojamento, de uma miséria, de uma súplica. E é aqui que nos deparamos novamente com o conceito de Justiça: a súplica da Face é um apelo, uma ordem para que *Eu* saia do lugar de honra ou do primeiro lugar e coloque os próprios recursos à disposição.

De repente, o eu se vê expulso de seu paraíso, da proteção de sua casa, do aconchego de sua intimidade. O eu, que diante da diferença absoluta se vê expulso do repouso da consciência tranqüila, debruça-se sobre a própria crise e se coloca em questão. E o questionamento de si já é, na linguagem de Lévinas, o acolhimento do absolutamente outro, daquele que não faz comunidade comigo, do estrangeiro, do *incapaz*, do *excluído*. A crise do eu não se reduz assim a um movimento negativo, mas é *diaconia*, isto é, serviço, assistência, socorro, hospitalidade – *gestação do outro*.

Reabilitação e obra

Vimos anteriormente que, para Éric Weil a Obra é violência porque está fora do discurso.

Entretanto, o objetivo das análises de Lévinas é “conceber no ser uma orientação – um sentido – que reunisse univocidade e liberdade”. Essa orientação é um “movimento que sai para fora do idêntico na direção de um Outro que é absolutamente outro. O começo do movimento é o Mesmo que livremente se move. Uma orientação livre nada mais é do que a *Obra*. Mas não se deve pensar que a Obra é uma agita-

ção ou uma energia que permanece igual a si mesma, numa espécie de motor imóvel aristotélico. Também não se deve concebê-la como a técnica em sua negatividade, a qual transforma o mundo e as coisas.

Assim, para o filósofo Lévinas, “a Obra pensada radicalmente é um movimento do Mesmo em direção ao Outro que não volta jamais ao Mesmo”. Em outras palavras, a Obra é uma saída radical sem volta, sem esperança para si, pura generosidade que tem como resposta a ingratidão. Ingratidão não significa vazio, ou movimento que cai no nada, mas paciência ou renúncia de si, traduzindo-se como renunciar a ser o fim a que tudo converge, como “agir sem entrar na Terra Prometida”. A Obra é uma “escatologia sem esperança para si ou libertação em relação a meu tempo”.

Para significar esta generosidade e entrega total por parte daquele que exerce um ofício, Lévinas escolheu o termo grego *liturgia*. A superação do meu tempo na liturgia solicita a epifania do Outro. Epifania significa visita do Outro em minha casa, em meu mundo. Por isso na Liturgia temos aqueles dois movimentos que já mencionamos como sendo o paradoxo da filosofia: o abaixar-se na própria intimidade e o elevar-se ao Outro. Abaixar-se para o eu ou para o tempo presente denota uma certa vulgaridade porque é a ação que se dirige ao imediato de nossa vida. Desse mergulho nas entranhas do presente o Mesmo se eleva ao Outro porque continua atuando indiferentemente ao seu futuro: ação no presente aqui e agora.

A liturgia da Obra é um desejo que eleva o Mesmo ao Outro e que, portanto, não tem fundamento na necessidade ou na falta. Um desejo que revela a independência do Mesmo e que já não deseja nada para si. O destino do desejo é o Outro e o Outro levinasiano não é o “meu inimigo (como em Hobbes

e Hegel) nem meu complemento (como na República de Platão)", mas socialidade ou relação social. "A relação com Outrem coloca-me em questão, esvazia-me de mim mesmo e não cessa de esvaziar-me, descobrindo em mim recursos ainda novos". Essa novidade dos recursos é novidade para mim que "não me sabia tão rico". E nesta nova descoberta já não tenho direito de guardar absolutamente nada ou de reservar o que quer que seja para mim — abolição da propriedade privada.

Assim, a reabilitação como Obra é oferenda do Mesmo ao Outro, acolhida do estrangeiro, reconhecimento do excluído, devolução da forma ao *deformado*. Eis aqui o Outro como sentido primordial ou a "condição de possibilidade" de toda significação.

Reabilitação e vida

À guisa de conclusão poderíamos ainda retomar a questão da violência da obra.

Vimos que a obra "é a atitude muda do homem que faz algo simplesmente por fazer". E o fazer, ainda que seja para nada, parece mos-

trar a utilidade ou a serventia do humano, como se o significado de humanidade dependesse obrigatoriamente da ação de fazer algo. O resultado desta ação, o produto, seria tão importante quanto a própria existência daquele que faz.

Reabilitar seria então devolver a habilidade do trabalho, da força de produção, da violência de ser. Isto porque na força vital ou na "tentativa" de ser o que se é está imbuída a noção de violência. E aqui vale apresentar as noções de vida e violência.

A etimologia do termo violência denota a sua derivação da noção de vida e a sua ligação com a noção de força. Da palavra grega *bia*, derivada de *bios*—vida, a violência assume o seu significado de força vital. Da mesma forma, em língua latina a palavra *vis*—força, tem a sua raiz na palavra vida. A etimologia do termo exprime uma conexão inseparável entre a vida e uma força superabundante e impetuosa. Assim, o termo violência coloca em destaque, por um lado, a vida, o ato de ser, e, por outro, a força com a qual a vida se afirma. A força vital vem neste âm-

bito designada como luta pelo ser e conservação do próprio ser, como transgressão, excesso no afirmar-se desta vontade de existir. [...] O termo revela então um trauma no próprio seio do ser: a vida que vai contra a vida, o ser que vai contra o ser; de um lado, o desejo da vida, a aderência ao ser, e do outro, a própria natureza do ser contingente e mergulhado em uma multidão de existentes. Eis o significado ambíguo da força vital.

Reabilitar no sentido da força de produção, da força de ser, da força vital, seria a atitude muda do ser humano na Obra, como pudemos entender em Éric Weil.

Mas a reabilitação que se entende na Obra como oferenda de si próprio é uma volta à vida na visita de outrem. Reabilitação é, assim, humilhação ou descida, atenção extrema ao sofrimento de outrem. Reabilitação é um impulso do finito ao Infinito. Retidão na relação entre Um e Outro. E neste sentido significa devolver a vida, recapacitar, acolher.

Reabilitar é devolver os hábitos de outrem, dar-lhe uma *postura*, uma *disposição*, uma *posição*, uma *Terra*.

REFERÊNCIAS

- Chauí M. Filosofia. São Paulo: Ática; 2000.
- Furgalska B. Fedeltà all'umano. Responsabilità per l'altro nella filosofia di Emmanuel Lévinas. Roma: [s. n.]; 1999.
- Ganty E. Penser la modernité. Essai sur Heidegger et Eric Weil. Namur: Presses Universitaires de Namur; 1997.
- Heidegger M. Ser e Tempo. Petrópolis: Vozes; 1988.
- Hyppolite J. Genèse et Structure de la Phénoménologie de l'Esprit de Hegel. Paris: Aubier; 1946.
- Lévinas E. Autrement qu'être ou au-delà de l'essence. [S.l.]: Kluwer Academic; 1974.
- Lévinas E. Humanisme de l'Autre Homme. [S. l.]: Fata Morgana; 1972.
- Lévinas E. Totalité et Infini. Essai sur l'Extériorité. Paris: [s. n.]; 1992.
- Perine M. Eric Weil e a compreensão do nosso tempo. São Paulo: Loyola; 2004.
- Susin LC. O Homem Messiânico. Porto Alegre: Vozes; 1984.
- Weil E. Logique de la Philosophie. Paris: J. Vrin; 1996;

Recebido em 6 de dezembro de 2005
Aprovado em 03 de janeiro de 2006